

Ativismo digital hoje

Política e cultura na era das redes

edição brasileira© Hedra 2021
organização© Rosemary Segurado, Claudio Penteado e
Sérgio Amadeu da Silveira

edição Jorge Sallum
coedição Suzana Salama
assistência editorial Paulo Henrique Pompermaier
revisão Renier Silva
preparação Deysi Cioccare
capa Ronaldo Alves

ISBN 978-85-7715-616-0

conselho editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.*

*Direitos reservados em língua
portuguesa somente para o Brasil*

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

Ativismo digital hoje

Política e cultura na era das redes

Rosemary Segurado, Claudio Penteadó e
Sérgio Amadeu da Silveira (*organização*)

1ª edição

hedra

São Paulo 2021

Ativismo digital hoje reúne nove textos sobre a influência das redes sociais na política e na cultura. Os temas vão de ciberfeminismo, democracia digital, políticas online, ativismo online e cibervigilância até conflitos nas redes sociais, governo aberto, governança da Internet e cultura digital. Os artigos são divididos em três partes: ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura. A primeira dá maior enfoque à interface digital da política; a segunda às mudanças no campo do ativismo desde a década de 1990; e a terceira à emergência de práticas culturais e expressão de subjetividades em consonância com as novas práticas de comunicação digital.

Claudio Penteadó é cientista social e doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. É pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (NEAMP/ PUC-SP), no qual participa de pesquisas de projetos temáticos FAPESP sobre política e novas tecnologias.

Rosemary Segurado é doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP e pós-doutora em Comunicação Política pela Universidade Rey Juan Carlos de Madrid. Atualmente é pesquisadora da PUC-SP e coordenadora do curso Mídia, Política e Sociedade, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. E também pesquisadora do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da (NEAMP/ PUC-SP) e editora da *Revista Aurora*.

Sérgio Amadeu da Silveira é sociólogo e doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. É professor associado da Universidade Federal do ABC (UFABC). Publicou *Comunicação digital e a construção dos commons* (2007), *Tudo sobre tod@s: Redes digitais, privacidade e venda de dados pessoais* (2017), *Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas* (2019), entre outros.

Sumário

Apresentação	7
CIBERPOLÍTICA: POLÍTICA E INTERNET.	13
Estratégias de comunicação digital dos partidos	15
Quem são os mais ativos?	43
As lideranças políticas brasileiras e as redes tecnossociais	63
CIBERATIVISMO: PARTICIPAÇÃO, MOBILIZAÇÃO E ATIVISMO. . .	89
ABONG: cidadania e tecnologia	91
Ocupa Sampa, os indignados de São Paulo	117
Multidão ciborgue e o império patriarcal	139
CIBERCULTURA: MODULAÇÃO, DESINFORMAÇÃO E PESQUISA. .	161
Tecnologias de modulação da opinião em rede	163
O «efeito mola» e a desinformação	183
Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura	199

Apresentação

ROSEMARY SEGURADO

CLAUDIO PENTEADO

SÉRGIO AMADEU DA SILVEIRA

O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação trouxeram profundas mudanças nas relações humanas e na sociedade em geral. Mesmo com a persistência da exclusão digital de grande parcela da população mundial, as tecnologias digitais estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, seja em atividades econômicas, sociais, culturais ou em atividades políticas.

A emergência de uma sociedade conectada convive de forma híbrida com antigas práticas sociais formando um complexo ecossistema comunicacional que produz novas formas de sociabilidade que vem despertando a atenção dos pesquisadores na área de ciências sociais.

Neste contexto, emerge em 2009 o grupo de trabalho (GT) Ciberpolítica, Ciberativismo e Cibercultura nos encontros da Associação Nacional de Pesquisadores de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), principal fórum de discussão acadêmica no campo das ciências sociais.

O GT reúne pesquisadores que investigam as dinâmicas e os impactos das tecnologias de informação e comunicação digitais sobre várias dimensões da sociedade contemporânea, notadamente os sistemas políticos e seus atores, sobre formas de cidadania e ação coletiva, assim como sobre identidades coletivas, sociabilidades e processos de criação simbólica de atores sociais. A ubiquidade das tecnologias digitais permite o desenvolvimento de pesquisas em diversas áreas. Nesse sentido, o grupo apresenta estudos nas áreas de democracia digital, políticas *online*, ativismo *online*, cibervigilância, campanhas digitais, conflitos nas redes sociais, deliberação *online*,

e-participação; governo eletrônico, governo aberto, governança da Internet, cultura digital, entre outros temas e abordagens relacionados com o tema.

Comemorando os dez anos de funcionamento do grupo, o livro apresenta uma coletânea de textos com resultados de pesquisas realizadas por pesquisadores da área, organizados nos três eixos organizativos do grupo de pesquisa: *ciberpolítica*, *ciberativismo* e *cibercultura*.

O eixo da ciberpolítica agrupa pesquisas voltadas para entender as dinâmicas políticas pelo uso das TICs, assim como a política da governança da Internet. Governos, partidos e políticos estão cada vez mais usando as tecnologias digitais em suas práticas. O desenvolvimento tecnológico criou novas formas de gestão pública, expressa em práticas de governo eletrônico, *e-participação*, deliberação *online* e, mais atualmente, o governo aberto. No campo da política tradicional, partidos, políticos e as instituições políticas estão usando os canais de comunicação para a interação com os cidadãos, dentro e fora das campanhas eleitorais. Dentro deste eixo, ainda existem abordagens voltadas para o estudo da política da governança da Internet, que abrange estudos sobre as regulações do funcionamento da rede mundial de computadores, envolvendo discussões sobre a neutralidade da rede, privacidade, violações de direitos humanos etc.

O ciclo de protestos que teve início na chamada Primavera Árabe, no final do ano de 2010, e se espalhou por vários países do mundo, como Los Indignados na Espanha, as manifestações do Occupy Wall Street, em 2011, as jornadas de Junho de 2013 no Brasil, entre outros protestos espalhados pelo mundo, têm em comum o uso das redes sociais na mobilização política. Contudo, desde o início da Internet, nos anos 90, o ativismo *online* alterou o espaço da ação comunicativa criando canais alternativos e até contra-hegemônicos nos quais os ativistas utilizam em suas lutas, como ilustram as mobilizações *online* pioneiras do Exército Zapatista no México e dos movimentos anti-globalização no final dos anos 90. Já não faz sentido falar em ativismo *online* e *offline*. Hoje qualquer organização da sociedade civil utiliza as ferramentas e canais da Internet em suas práticas, seja para hospedar seus websites, seja para divulgar suas ações, projetos, ini-

ciativas e mobilizações pelos canais nas plataformas de redes sociais e mídias sociais. Além de novos canais de mobilização e produção de informação alternativa aos meios de comunicação tradicional, vão surgir novas formas de ativismo com práticas descentralizadas e horizontais, assim como novos personagens do ativismo: os *hackers* e *cyberpunks*, que inauguram repertórios inovadores de luta política, como os ataques distribuído de negação de serviço, conhecido como DDOS — Distributed Denial of Service —, assim como invasão de sites, entre outros.

O terceiro eixo, cibercultura, envolve estudos e pesquisas associados à dimensão da emergência de práticas culturais e expressão de subjetividades por meio das diferentes ferramentas e canais de comunicação digital. Práticas de remixagem, compartilhamento de arquivos, trabalhos colaborativos, práticas de conectividade, produção de *softwares* e outros temas que manifestam a variedade de práticas construídas nas e pelas tecnologias digitais. Esse eixo também abriga pesquisas que estudam as implicações e efeitos da formação de uma sociedade digital, como estudos sobre a ação dos algoritmos, datificação, mecanismos de vigilância e modulação, formação de câmeras de eco, desinformação e até questões associadas ao pós-humano.

Assim, o livro está dividido em três seções. Na primeira *Ciberpolítica: política e internet* temos trabalho intitulado *Estratégias de comunicação digital dos partidos*, de autoria de Sérgio Braga, Leonardo Caetano Rocha e Fernando Wisse, da UFPR. Os autores desenvolvem uma análise comparada das estratégias de comunicação digital dos partidos brasileiros e espanhóis verificando a emergência do modelo de *partidos digitais* nos sistemas partidários destes países.

As lideranças políticas brasileiras e as redes tecnossociais, de Vera Chaia, Rosemary Segurado, Tathiana Chicarino e Joyce Miranda Leão Martins (PUC – SP), tem base em resultados de pesquisa de longa duração analisando as lideranças políticas no Brasil. Entre os aspectos analisados destaca-se a relação das lideranças políticas com a mídia tradicional e com as redes tecnossociais com o objetivo central de ampliar a conexão com base eleitoral, ampliar a mobilização e o engajamento direto das base.

Quem são os mais ativos?, de Marcus Abílio Pereira, Helga do Nascimento de Almeida e de Iara Lima Vianna, da CEPPi-UFMG, desenvolve dentro da temática de parlamento e tecnologias digitais a apropriação destas tecnologias pelas diversas instituições parlamentares; estudos relativos à apropriação das TICs pelos parlamentares brasileiros em todos os níveis da federação; e estudos comparativos de apropriação destas tecnologias entre as elites políticas brasileiras e de outros países.

Na segunda seção, *Ciberativismo: participação, mobilização e ativismo* temos o estudo sobre a análise sobre a participação cidadã a partir da pesquisa *ABONG: cidadania e tecnologia*, realizada por Rafael de Paulo Aguiar Araújo (PUC – SP), Claudio Luis de Camargo Penteado (UFABC) e Marcelo Burgos Pimentel dos Santos (UFPB). Foi realizado o mapeamento e identificação dos diferentes usos da Internet pela ABONG (Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais) com o objetivo de compreender como as TICs têm mudado a forma de trabalho das ONGs e como estão sendo desenhadas as relações entre governantes e governados no processo de desenvolvimento de políticas dentro da sociedade da informação.

Nessa seção contamos também com o artigo *Ocupa Sampa, os indignados de São Paulo*, de Rita de Cássia Alves Oliveira, da PUC – SP. A autora analisou as tecnologias digitais de comunicação no contexto do “movimento-rede” global de 2011 pelos ativistas do Ocupa Sampa, ocupação do Vale do Anhangabaú ocorrida entre outubro e dezembro de 2011, em São Paulo. A partir da análise de perfis e páginas do movimento no Facebook acompanhados (2011–2013) e da realização de dez entrevistas em profundidade com participantes ativos *offline* no Ocupa Sampa.

Em *Multidão ciborgue e o império patriarcal*, Claudia Ferraz e Rosemary Segurado (PUC – SP) discutem as marchas feministas a partir da noção de *multidão ciborgue*, articulando a noção de *multidão* desenvolvida por Michael Hardt e Antonio Negri e o conceito de *ciborgue* elaborado por Donna Haraway. Compreendem, assim, a política digital feminista e a potência da *multidão ciborgue* nas redes, ruas e política institucional, resgatando as raízes do conceito ciber-

feminista como base para observar a atuação do (ciber) feminismo interseccional.

Na última seção, *Cibercultura: modulação, desinformação e pesquisa*, apresentamos o texto *Tecnologias de modulação e formação da opinião em rede*, de Débora Machado, Joyce Souza e Sergio Amadeu da Silveira, da UFABC, que apresenta os resultados da investigação sobre o desenvolvimento do conceito de modulação utilizado para compreender os processos contemporâneos de formação da opinião pública em rede. O conceito busca verificar os ajustes e adaptações dos comportamentos obtidos pela apresentação de possibilidades, pela orientação do olhar para campos específicos e pela formação das ações, demonstrando que nas redes digitais a modulação seria um fenômeno diferente da manipulação.

Pollyana Ferrari Teixeira e Alberto Freitas Filho (PUC – SP) abordam a expressão de uma ideia defendida por grupos e políticos da chamada *nova direita* que se sentiam *reprimidos* diante da crescente visibilidade dos movimentos negro, feminista e LGBTQIA+, entre outros identificados com o campo da esquerda, nos últimos anos. O texto *O «efeito mola» e a desinformação* aborda a radicalização do debate político pela nova direita, na visão de grupos como o Movimento Brasil Livre (MBL) e outros, teria surgido como uma reação semelhante a uma mola que se soltou após ter sido *reprimida* por muito tempo.

O artigo *Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura*, tem como autores Rafael Cardoso Sampaio, Isabele Mitozo, Michele Goulart Masuchin, Giulia Sbaraini Fontes (UFPR) e Claudio Penteado (UFABC). Os autores analisaram a produção de estudos apresentados entre 2010 e 2017, expondo os perfis dos pesquisadores, a empiria nas pesquisas e a distribuição da produção entre as instituições de ensino superior. O estudo permite tecer um panorama do campo e apontar para déficits e avanços do grupo, assim como indicar novas agendas de pesquisa.

Multidão ciborgue e o império patriarcal

ROSEMARY SEGURADO

CLAUDIA FERRAZ

Esta análise parte do processo etnográfico que se inicia no ambiente digital através do monitoramento das páginas feministas do Facebook: Feminismo sem Demagogia¹ e Transfeminismo.² Não me Kahlo³ e Think Olga,⁴ onde foram coletados dados, informações e atualizações das agendas feministas. Em contato com os eventos, a pesquisa se transpõe aos espaços físicos onde se aglomerava uma multidão feminista, como na Avenida Paulista e Largo da Batata. Desse modo, desde 2015 até 2018 a pesquisa acompanhou as citadas páginas feministas no Facebook, participou presencialmente e *online*, das marchas feministas divulgadas pelas páginas e buscou unir um repertório teórico convergente aos dados coletados nas redes e nas ruas. O estudo também se apropria de uma inspiração político-ficcional como proposta de reflexão sobre as ações de resistência, contra as estruturas sociais de matrizes ultraconservadoras presentes a política institucional e nas redes.

1. Segundo a página Feminismo sem Demagogia, possui 1.073.921 seguidoras até o momento desta pesquisa, e sua proposta é seguir a vertente do feminismo marxista: *na luta por um feminismo de gênero, raça e classe*.

2. Segundo a página Transfeminismo, possui 26.226 seguidoras até o momento desta pesquisa, e sua proposta é a do feminismo socialista interseccional, aplicado às questões trans: *coletivo que busca empoderar e dar visibilidade à causa trans*.

3. Segundo a página Não Me Kahlo, possui 1,2 milhões de seguidoras até o momento desta pesquisa, e sua proposta é utilizar a força da informação para promover a autonomia feminina.

4. Segundo a página Think Olga, possui 176.966 de seguidoras até o momento desta pesquisa, e sua proposta é a de uma ONG feminista, que luta pelo empoderamento feminino por meio de informação.

A ideia central do *paper* está na discussão sobre o processo etnográfico nas citadas páginas feministas e nas marchas, para a partir delas, discutir os conceitos e articulações do ciberfeminismo compondo a multidão ciborgue.

As análises preliminares se deram no ambiente da mídia social Facebook e concentraram-se nas já citadas páginas feministas monitorando-as para atualização dos dados sobre a condição da mulher em suas variadas categorias sociais e de gênero. A páginas analisadas foram selecionadas pelo posicionamento de suas postagens distanciando-se das noções binárias, neste caso, seguem em convergência ideológica com o mito ciborgue de Haraway (2009), citado anteriormente como uma referência político-ficcional. Tal analogia se deu com base na obra *Manifesto ciborgue* e seu vínculo com a arte ciberfeminista dos anos noventa, no quesito de implosão das categorias dicotômicas de gênero, e como referência ao feminismo interseccional, quando não se apega às categorias binárias de gênero, reconhecendo e abraçando a causa de quem se reconhece como mulher, homem ou outra categoria que seja independente do sexo.

Ao acompanhar as páginas feministas no Facebook e ter acesso às marchas feministas organizadas na Avenida Paulista e no Largo da Batata (no ato “Ele Não!”),⁵ a pesquisa sai do processo etnográfico *online* para seguir presencialmente as marchas que como a de primeiro de junho de 2016 no MASP⁶, onde se reuniram levantando as pautas contra o PL 5069 de Eduardo Cunha dificultando o aborto em situações em que ele é legal, contra a cultura do estupro, contra os feminicídios e contra o ideal de “bela, recatada e do lar”, atribu-

5. A manifestação contra o candidato e presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, eleito em 2018, ocorreu em diversos estados por conta de suas ideias correspondente a homofobia, misoginia e o autoritarismo. O evento caracterizou-se pela ação de mulheres e entre elas, no Largo da Batata, constatou-se um público misto, no que diz respeito a classe, raça e diversidade de gênero.

6. O espaço do vão do Museu de Arte de São Paulo foi palco de muitos protestos e marchas feministas como as que se deram contra a cultura do estupro em 2016, as do Dia das Mulheres em 8 de março e a concentração no vão do museu, para manifestação contra assassinato político de Marielle Franco.

tos dispensados pela Revista Veja à então primeira dama, Marcela Temer, mulher do ex-presidente Michel Temer.⁷

A questão das lutas, a favor direito ao aborto (até a décima segunda semana de gestação), contra a cultura do estupro, os feminicídios e o ideal de mulher recatada e do lar como padrão ideal repercutem a questão do controle do corpo e da subjetividade feminina numa associação entre elementos que entrelaçam violência, poder institucional e construção de padrão de adequação da mulher, os quais em últimas circunstâncias, levam as dissidentes à morte, pelos feminicídios e abortos clandestinos para aquelas que não podem pagar médicos profissionais. A questão se inter-relaciona, do mesmo modo, para culpabilização da vítima, justificando o estupro e/ou o feminicídio pela dissidência ao padrão da mulher “recatada e do lar”; e a morte pelo aborto clandestino, como castigo, conseqüente da tentativa de tirar a vida do feto, que cientificamente, até doze semanas, ainda não começou.

Posteriormente às marchas da (midiaticamente chamada) Primavera Feminista, a pesquisa acompanhou em 29 de setembro de 2018 a multidão “#EleNão”, a qual saiu no Largo da Batata em São Paulo e em outras capitais brasileiras contra o então presidente do Brasil. Na perspectiva do deslocamento da etnografia para o campo das multidões feministas, se constatou um público majoritariamente jovem, diversificado e não só formado por mulheres. Como um fenômeno, claro pela obviedade, o uso das câmeras de telefone era massivo em todas as manifestações em que a pesquisa presenciou.

Localizando as ações feministas nas redes sociais digitais, disponíveis nas opiniões e posicionamentos projetados nas páginas feministas *online*, torna-se possível encontrar a energia ativista ativa do que Haraway (2009, p. 3) chamada de tecno-biopotência do feminismo e sua articulação rede/ rua como o combustível da *multidão*

7. Os adjetivos que a revista empregou em 2016 à então primeira dama, levavam a entender sua figura como uma mulher discreta, com roupas comportadas e boa dona de casa sugerindo-a como a esposa modelo ideal. A partir daí, ao considerarem a matéria machista, levantou-se nas redes, a hashtag #belarecatadaedolar com memes que contestavam este padrão de mulher ao proporem por imagens, padrões completamente opostos à este, mas seguindo a mesma hashtag #belarecataedolar.

ciborgue. A referência desta análise está na proposta desta metáfora em torno da atuação social pela tecnologia — em alusão à possibilidade de deserção ao sistema normativo localizado sob a estrutura do patriarcado. É a apropriação da tecnologia comunicacional viabilizada para subversão aos ideais controladores, operantes da subjetividade com novas dinâmicas para se pensar, questionar e resistir contra as estruturas sólidas do império patriarcal e suas redes soberanas de poder. Ressalta-se então, a condição ciborgue, metaforizada na competência de estimular o imaginário num caminho de resistência tecno-biológica contra a pretensão totalizante na dominação da vida e dos desejos, que o império patriarcal abarca.

É no paradigma da passagem de sociedade disciplinar para sociedade de controle onde Hardt e Negri (2005) reelaboram o conceito da biopolítica, quando tratam das resistências às articulações das redes de poderes, pela transfiguração do sentido de biopoder. Nesta redefinição, a biopotência é o que ativa as resistências e os ativismos, típicos do conceito, que tais autores elaboram sobre a *multidão*. E, é na combinação entre tal conceito com mito o ciborgue de Donna Haraway, onde este presente estudo busca pensar as reconfigurações do ativismos feministas na *multidão*, a partir das tecnologias de comunicação como elo dos ativismos que unem em multidão mulheres e demais minorias sociais de gênero, erguendo as vozes sobre o direito ao próprio corpo, à não violação dos corpos femininos e não à morte das mulheres e outras minorias sociais de gênero. O entrelaçamento destes conceitos envolve entender as formas de alternativas de libertações, que fazem frente a um projeto que impera para manter e reforçar as estruturas normativas da sociedade.

O conceito ciborgue inspira um sentido que remete aos filmes de ficção norte americanos do século passado, assim como, associa a sinergia entre a tecnologia e o corpo humano. A pensar que o telefone móvel com todas as mídias sociais, em contato direto e constante com o corpo, como um fenômeno global, o fato já configuraria a afirmação de sermos todos ciborgues. Porém as contribuições da ficção ciborgue de Haraway para esta reflexão estão na essência política que pode vir a emergir entre mulheres e tecnologia.

A *multidão ciborgue* é a junção de dois conceitos, inspirado pela leitura de Preciado (2003, p. 3) em seu artigo intitulado, “Multidões *queer*”. Neste caso, seu texto reconhece como potencialidades políticas os corpos e performances que resistem ao padrão de normatividade, desenvolvendo-se no que ele, se baseando em Negri e Hardt (2000), chama de “império sexual”. Preciado lembra em tal obra que “gênero” é um conceito que faz parte do contexto “sexopolítico”, e posteriormente é apropriado pelo feminismo americano como fundamentação teórica e instrumento imprescindível para contextualizar a construção histórico-cultural das diferenças sexuais. Em sua observação, a sexopolítica tem muitos espectros, ela cria modelos, impõe normas e como nos casos de violência doméstica e feminicídio, ela também pode ser letal. Por outro lado, a sexopolítica extrapola as relações de poder e cria potência em espaços de uniões onde minorias sociológicas de gênero podem se identificar em uma unidade de diferenças.

Quando entendemos que a tecnologia faz parte do império (patriarcal), nos apegamos à noção de Hardt e Negri (2000, p. 185) para diagnosticar uma “república universal — na rede de poderes”, arquitetadas para atuar de maneira “ilimitada e inclusiva”. Tal rede de poderes, comumente, perpetua o imperativo em torno da dominação das subjetividades, modelando afetos e desejos. No que se refere às novas tecnologias de comunicação pode se afirmar que elas não revolucionam por si, e seu grande propósito está fortemente amparado no mercado. São instrumentos do império, historicamente dominados pela categoria masculina, desempenhando polaridades e dominação com base em hierarquias. Historicamente as mulheres foram e muitas vezes, ainda são consideradas ingênuas e pouco aptas a trabalhar com a tecnologia, exceto as tecnologias domésticas, aquelas desenvolvidas para ajudar nos afazeres do lar e disponibilizar as mulheres mais tempo para cuidar e educar os filhos (WAJCMAN, 1991).

O emprego do mito ciborgue de Haraway (2009) para pensar estas multidões é fundamental para pensarmos um ideal de implorações das concepções normativas de gênero e a apropriação das tecnologias para disseminar as libertações das articulações políticas

fundamentadas em políticas, fundadas e fundamentadas nas matrizes patriarcais da sociedade. Mas é na potência de subversão à este sentido, que a metáfora *multidão ciborgue* foi a incorporada, a considerar o sentido de deserção a este “império”, aqui visto sob a estrutura patriarcal, pois os atores sociais que compõem a multidão, apesar de serem nativos de um sociedade dominada pelas referências patriarcais e individualistas, se aglomeram para deserdar estes valores em uma perspectiva de bem comum. Tanto que um dos lemas das marchas feministas, que a presente pesquisa enquadra na multidão ciborgue era: “Mexeu com uma mexeu com todas!”. E “eu beijo homem, beijo mulher, eu beijo quem eu quiser!”

Teoricamente, conceito de *multidão* se diferencia das *massas*, e sua condução irracional, diagnosticada, a partir da Segunda Guerra Mundial de seus totalitarismos. Igualmente, se distingue do “povo”, pois este, segundo Hardt e Negri (2005, p. 12), corresponde à unidade, sempre sujeita a soberania do estado e do capital em suas relações subordinadas às condições hierárquicas. Segundo o próprio Negri, (2004, p. 15) a teoria da “Multidão” demanda que seus sujeitos expressem por si mesmo em suas singularidades sem lideranças representadas. E é sempre, a expressão da potência transformando suas práticas. Assim, a resistência vai acumulando capacidades contra a “exploração que subjetiviza pela tomada de consciência”, portanto, o ciborgue e a multidão formam o símbolo do êxito da deserção, onde difundem “comportamentos singulares extensivos, fugindo das grades”, reclamando “ferozmente da miséria e do comando”.

Analisando o conceito de *multidão* de Negri e Hardt associado às tecnologias de comunicações, observamos nas páginas feministas a atuação da *multidão ciborgue* e a potência de suas atuações. Desse modo, aparecem como a força da biopolítica que inverte os signos dos parâmetros da sociedade voltada apenas à acumulação, consumo e poder, conduzindo assim, às inovações revolucionárias nos planos subjetivos das estruturas sociais, ou seja, a *multidão ciborgue* contra o império patriarcal almeja outras formas de existência, vociferadas, a partir das tecnologias de comunicação. A potência desta junção

COLEÇÃO HEDRA

1. *Don Juan*, Molière
2. *Contos indianos*, Mallarmé
3. *Triunfos*, Petrarca
4. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
5. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
6. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
7. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
8. *Metamorfoses*, Ovídio
9. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
10. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
11. *Carta sobre a tolerância*, Locke
12. *Discursos ímpios*, Sade
13. *O príncipe*, Maquiavel
14. *Dao De Jing*, Lao Zi
15. *O fim do cúme e outros contos*, Proust
16. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
17. *Fé e saber*, Hegel
18. *Joana d'Arc*, Michelet
19. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
20. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
21. *Eu acusado!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
22. *Apologia de Galileu*, Campanella
23. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
24. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
25. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
26. *Poemas*, Byron
27. *Sonetos*, Shakespeare
28. *A vida é sonho*, Calderón
29. *Escritos revolucionários*, Malatesta
30. *Sagas*, Strindberg
31. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
32. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
33. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
34. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
35. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
36. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
37. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
38. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
39. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
40. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
41. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
42. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
43. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
44. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
45. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
46. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
47. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
48. *No coração das trevas*, Conrad
49. *Viagem sentimental*, Sterne

50. *Arcana Cælestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
51. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
52. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
53. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
54. *Cultura estética e liberdade*, Schiller
55. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
56. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
57. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
58. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
59. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
60. *Entre camponeses*, Malatesta
61. *O Rabi de Bacherach*, Heine
62. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
63. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
64. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
65. *A metamorfose*, Kafka
66. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
67. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
68. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
69. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
70. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
71. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
72. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
73. *A voz dos botecoins e outros poemas*, Verlaine
74. *Gente de Hemsö*, Strindberg
75. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
76. *Correspondência*, Goethe | Schiller
77. *Poemas da cabana montanhesa*, Saigyō
78. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
79. *A volta do parafuso*, Henry James
80. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
81. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
82. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
83. *Inferno*, Strindberg
84. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
85. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
86. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
87. *Jerusalém*, Blake
88. *As bacantes*, Eurípides
89. *Emília Galotti*, Lessing
90. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
91. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
92. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
93. *A fábrica de robôs*, Karel Tchépek
94. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. I)*, Schopenhauer
95. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
96. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
97. *Sobre a liberdade*, Mill
98. *A velha Izerguil e outros contos*, Górki
99. *Pequeno-burgueses*, Górki
100. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
101. *Educação e sociologia*, Durkheim

102. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamántis
103. *Lisístrata*, Aristófanes
104. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
105. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
106. *A última folha e outros contos*, O. Henry
107. *Romanceiro cigano*, Lorca
108. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
109. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
110. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
111. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal
112. *Odisseia*, Homero
113. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
114. *História da anarquia (vol. 2)*, Max Nettlau
115. *Sobre a ética — Parerga e paralipomena (v. II, t. II)*, Schopenhauer
116. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
117. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
118. *A arte da guerra*, Maquiavel
119. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
120. *Oliver Twist*, Dickens
121. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
122. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche
123. *Édipo Rei*, Sófocles
124. *Fedro*, Platão
125. *A conjuração de Catilina*, Salústio
126. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft
127. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Engels

METABIBLIOTECA

1. *O desertor*, Silva Alvarenga
2. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
3. *Teatro de êxtase*, Pessoa
4. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
7. *O Ateneu*, Raul Pompeia
8. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
9. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
10. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
11. *Iracema*, Alencar
12. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
13. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Pessoa
14. *A cidade e as serras*, Eça
15. *Mensagem*, Pessoa
16. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
17. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
18. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
19. *A carteira de meu tio*, Macedo
20. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
21. *Eu*, Augusto dos Anjos

22. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
24. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont
25. *Democracia*, Luiz Gama
26. *Liberdade*, Luiz Gama
27. *A escrava*, Maria Firmina dos Reis
28. *Contos e novelas*, Júlia Lopes de Almeida

«SÉRIE LARGEPOST»

1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
3. *O destino do erudito*, Fichte
4. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
5. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski

«SÉRIE SEXO»

1. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
2. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
3. *Poesia Vaginal*, Glaucio Mattoso
4. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Stoller
5. *A vênus de quinze anos*, [Swinburne]
6. *Explosão: romance da etnologia*, Hubert Fichte

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrimo o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
8. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
9. *Machismo, racismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
10. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani & Emilio Gentile

COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

1. *Dostoiévski e a dialética*, Flávio Ricardo Vassoler
2. *O renascimento do autor*, Caio Gagliardi
3. *O homem sem qualidades à espera de Godot*, Robson de Oliveira

«NARRATIVAS DA ESCRAVIDÃO»

1. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
2. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
3. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown

COLEÇÃO «WALTER BENJAMIN»

1. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
2. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin

Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na gráfica Meta Brasil,
na data de 26 de outubro de 2021, em papel pólen soft, composto em
tipologia Swift Neue e Minion Pro, com diversos softwares livres, dentre eles
Lua[®]La[®]T_EX[®]e git.
(v. 9aeffbab)

